



Transbordando as notas de rodapé: apresentação do dossiê

Ângela Camana¹
Luciana Costa Brandão²

Enquanto pesquisadoras e estudiosas da área de sociologia ambiental (ou, pelo menos, afeitas a uma prática de sociologia que considera as "questões ambientais") e suas interfaces, uma das primeiras reflexões com a qual nos deparamos é a relação dicotômica entre sociedade e natureza estabelecida e ratificada inclusive por divisões disciplinares. De fato, estes dois termos são tão abrangentes e tão comuns na utilização cotidiana que, enquanto parte do senso comum, acabamos por nos acostumar com o som dessas palavras, utilizando-os no nosso falar sem grandes problemas. No entanto, uma vez que mergulhamos na reflexão teórica-conceitual da sociologia ambiental, parece que um mundo novo de infinitos questionamentos se abre. Agora, toda vez que ouvimos alguém falar em "natural", em "social", em "ambiente" e em "desenvolvimento" um sino de alerta toca dentro das nossas mentes, e uma enxurrada de problematizações inunda o nosso pensamento.

A primeira quebra se deu no momento em que percebemos que os conceitos de sociedade e natureza, assim como a distância e oposição entre eles, foram historicamente forjados. Mais do que isso, notamos que tal dicotomia é fruto de longo percurso de construção, o qual está diretamente ligado a outras histórias, como a da Ciência, do Capitalismo, do Desenvolvimento (DESCOLA, 2011; GIBSON-GRAHAM, 1996; LATOUR, 1994; STENGERS, 2000). A segunda quebra – e é esta que, mais diretamente, nos impele a compor este dossiê – ocorreu quando percebemos que uma série de outras dicotomias (à qual estávamos igualmente acostumadas) foram construídas conjuntamente e a partir desta primeira. Se nos acostumamos a pensar no mundo em dois polos, com Sociedade de um lado e Natureza do outro, nos acostumamos a ver várias outras palavras em cada um desses lados da divisão. O mais básico e evidente no mundo acadêmico talvez seja a anteposição entre Sujeito e Objeto: o pesquisador, ativo, agente social em oposição ao seu objeto de estudo, passivo, inanimado, um outro ser qualquer que não o Humano. Outras divisões seguem: civilização e selvageria, razão e emoção, mente e corpo e, como não poderia deixar de ser, Homem e Mulher, Masculino e Feminino.

Nosso incômodo se deu justamente nessa encruzilhada, ao notarmos o quanto estas questões que chamaremos aqui "questões de gênero", em um sentido amplo, estão imbricadas no centro dos estudos que viemos fazendo na área de sociologia ambiental e, ainda assim, ao que nos parecia de forma tão pouco aprofundada. Consonante a isso, como é possível que a produção de conhecimento sobre "questões ambientais", sendo atravessada por "questões de gênero", não se abra para outras possibilidades teóricas e metodológicas? Dizendo de outra forma, se é verdade que a clivagem sociedade-natureza constitui um dos pilares fundamentais do pensamento e questionamentos na sociologia ambiental, e que a clivagem de gênero entre características associadas ao masculino e ao feminino é tão presente, como é que esse tipo de reflexão não está transbordando em todos os textos que lemos sobre o assunto? Como que passamos por Gibson-Graham, Latour, Stengers, Descola e chegamos até aqui com essa imbricação tangenciando apenas as margens e notas de rodapé dos textos nos quais estamos mergulhadas? Não é possível que em todo o cânone da sociologia ambiental ninguém esteja pensando a sério nesse ponto. Neste caso, a explicação óbvia é que estávamos olhando

¹ Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGS/UFRGS). Bolsista CAPES. Membro dos grupos de pesquisa Tecnologia, Meio Ambiente e Sociedade (TEMAS - www.ufrgs.br/temas) e Jornalismo Ambiental (<https://jornalismoemeioambiente.com>). E-mail: angela.camana@hotmail.com.

² Graduada em Relações Internacionais e Mestra em Sociologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGS/UFRGS). Especialista em Desenvolvimento Sustentável pela Universidade de Leiden, Holanda. E-mail: luciana.costa.brandao@gmail.com.



para os lugares errados e precisaríamos buscar em outras escritas para encontrar interlocutorxs afins. Mas por onde começar? E, após a decolagem, como decidir para que lado bater as nossas asas e alçar este sobrevoos?

Foi assim que chegamos a este dossiê *Interfaces entre gênero e ambiente no contexto da modernidade*. Ao assumirmos uma interconexão possível (quicá necessária) entre "questões ambientais" e "questões de gênero", compreendemos que esta não se dá de forma unívoca, mas permite diversas aproximações, muitas delas contrastantes entre si. Analogamente, supomos que tal inquietação não seria nossa apenas, mas que se a pouca aproximação entre as temáticas era algo que nos incomodava, talvez houvesse outras pesquisadoras realizando perguntas similares e, quem sabe, desenvolvendo trabalhos que permitissem começarmos a tecer algumas respostas.

Cabe lembrar que não partimos de um lugar vazio. Outros trabalhos e dossiês, tanto a nível nacional quanto internacional, já se dedicaram à conexão entre ambiente e gênero. Cabe mencionar, por exemplo, o dossiê publicado pela Revista Estudos Feministas (v.18, n.3) sobre "Mulheres e Meio Ambiente", bem como o editorial acerca do tema Gênero e Meio Ambiente lançado em 2016 pelo periódico Ambiente & Sociedade (v.18, n.1), além, é claro, da obra ovular "Meio Ambiente e Gênero", de Loreley Garcia (2012). Obviamente, este fato não exaure as necessidades de investigação acerca destes entrelaçamentos e nem dá conta de abarcar a diversidade de conhecimentos que vêm sendo produzido nesse interim.

Para além da diversidade de publicações e eventos que esta agenda comporta, também as muitas possibilidades temáticas, teóricas e metodológicas nos parecem bem-vindas. Portanto, consideramos que a multiplicidade de temas e construções teóricas observada nos artigos que compõem este dossiê são um reflexo das potencialidades da aproximação entre os estudos sobre gênero e sobre ambiente. Feitas estas breves considerações, apresentamos a seguir os textos que compõem esta edição da *Áskesis*.

A seção **Artigos** inicia com o texto *Gênero e barragem: um estudo sobre as experiências das mulheres atingidas da UHE de Jaragua*, de Jéssica Pires Cardoso. A autora lança mão da categoria gênero para refletir acerca da problemática que permeia a construção de barragens no Brasil. Fruto de sua dissertação de mestrado, o texto se debruça sobre a diversidade de experiências de mulheres que viveram a implementação de uma usina hidrelétrica no final da década de 1960, no estado de São Paulo. Sua análise, baseada em relatos de mulheres atingidas, mostra a pluralidade de estratégias adotadas para lidar com o novo ordenamento do território, assim como reflete sobre as transformações produzidas nas relações sociais.

Em seguida, em *A interseção entre o ambientalismo e o feminismo da diferença no culto do Santo Daime*, Camila de Pieri Benedito deriva a reflexão que é tema desta edição de *Áskesis* a partir do diálogo com o campo da religião. Assumindo o culto ao Santo Daime como, sobretudo, a partir de sua face devocional mariana, a autora explora quais são as noções de feminino e de natureza que cercam esta experiência religiosa ayahuasqueira.

Após, Clara Maduell Gómez e Mariani Viegas da Rocha refletem sobre as misturas entre o social e o individual, o cultural e o biológico a partir de uma revisão da literatura sobre a construção dos corpos em seu artigo *Construindo e Padronizando: Um Estudo Histórico-Cultural Sobre Corpos Femininos*. A partir daí, traçam um panorama sócio-histórico para analisar como os corpos das mulheres foram se construindo ao longo dos últimos séculos, sempre em relação às estruturas e aos processos de suas épocas, a fim de demonstrar que nunca houve nada de puramente "natural" em se tratando do que é considerado "feminino" ou "belo".

Em *Gênero, violência contra mulher e desenvolvimento: um estudo sobre o município de Lavras – MG*, as autoras Jucilaine Neves Sousa Wivaldo, Suelen Ferreira Couto e Vera Simone Shaefer Kalsing nos leva para o campo das políticas, a fim de pensar as intersecções entre gênero, desenvolvimento e violência. Analisando os casos relacionados à violência doméstica e familiar contra a mulher coletados na Unidade de Pronto Atendimento do município de Lavras, o artigo abre espaço para questionarmos



a forma como, enquanto mulheres, a nossa vivência do ambiente é condicionada pelas diferentes violências derivadas da desigualdade de gênero.

Por fim, em seu artigo *Tecendo uma possível trajetória para entender os estudos de gênero e os gêneros fluidos - Ponderações a partir da performance de um casal não-binário “Sopa de Gênero e a Destruição de Prédios”* xs autorxs Luana Adriano Araújo, Levi Mota Muniz e Matheus dos Santos Melo trabalham a fluidez do conceito de “gênero” a partir de experiências de pessoas, corpos e identidades não-binárias. Ao trazer um relato sobre uma performance realizada em Fortaleza/CE, o artigo contribui para pensar como a força das transgressões do que é considerado a “norma” do gênero transborda para o ambiente urbano, transformando a própria noção de cidade.

Na seção **Ensaio**, Eleandra Raquel da Silva Koch apresenta *Caminhos quilombolas*, sobre suas reflexões acerca do entrelaçamento entre reconhecimento territorial e defesa da biodiversidade em comunidades quilombolas do sul do país – relação que é tecida, sobretudo, pelas mulheres. Desde a sua experiência profissional como técnica do Estado, a autora compartilha às leitoras e aos leitores os dilemas e os impasses do ofício face à complexidade do campo.

É, ainda, com muito orgulho que apresentamos nesta edição uma **Tradução** do texto da socióloga belga Benedikte Zitouni – cuja obra é até então inédita em português. O texto, traduzido por Felipe Vargas e intitulado como *Truques e tenacidades (1981-2001)*. Como recuperar as terras foi originalmente publicado em 2016 sob o título *Ruses et Ténacité (1981-2001): Comment récupérer les terres* como prefácio ao livro *Des femmes contre des missiles* (“As mulheres contra os mísseis”, em tradução livre). A reflexão de Zitouni nos permite observar a especificidade das formas de luta das mulheres contra a energia nuclear, recolocando em discussão categorias como resistência, por vezes assumidas de modo monolítico na literatura em ciências sociais. Agradecemos à Zitouni e também a editora Cambourakis pela confiança ao nos autorizarem a publicar esta tradução.

Nesta edição também contamos com a **Resenha** intitulada *Para pensar o meio ambiente como uma questão de gênero*, do mais recente trabalho organizado pela filósofa espanhola Alicia Puleo, *Ecología y genero em dialogo interdisciplinar*. Eutalita Bezerra comenta a obra destacando a diversidade de temas que são atravessados por esses fios. Traçando um panorama que inclui desde questões relacionadas aos corpos das mulheres até a ação das forças do colonialismo, a obra organizada por Puleo costura, na leitura de Bezerra, corpos, territórios e resistências a fim de contestar e desconstruir a lógica que ao longo de milhares de anos permitiu associar o feminino e a natureza às coisas consideradas “inferiores”.

Convidamos todas e todos a conferir a **Entrevista** que nós, as editoras deste dossiê, conduzimos com Flávia Charão Marques, *Entre mulheres e plantas*. Nela, Flávia dividiu conosco um pouco de sua trajetória acadêmica interdisciplinar e comentou suas recentes inquietações acerca das aproximações teóricas entre os campos do gênero e do ambiente.

Na seção de **Artigos Livres**, Selma Maria da Silva apresenta seu texto *Estrutura produtiva da indústria de confecção em Goiânia-GO*, trazendo reflexões sobre o crescimento expressivo da confecção goiana nos últimos anos e as características de sua estrutura produtiva, especialmente sobre a precarização do trabalho feminino. Em *“As travestis também choram”: corpos que deslocam, vidas que resistem*, Marlyson Junio Alvarenga Pereira analisa o documentário francês *Les travestis pleurent aussi*, que narra o destino de travestis na França, a partir das fronteiras de gênero, sexualidade, migração e prostituição - o corpo que desloca, desmonta, reinventa, estranha e causa desejo.

Por fim, desejamos que a leitura desta edição proporcione, mais que respostas ou caminhos definidos, inquietação a todas e todos.



Referências

- DESCOLA, Philippe. Más allá de la Naturaleza y la cultura. In: Montenegro Martínez, Leonardo (Ed.). **Cultura y naturaleza: Aproximaciones a propósito del bicentenario de la independencia de Colombia**. Bogotá: Jardín Botánico de Bogotá José Celestino Mutis, 2011. p. 75–98.
- GARCIA, Loreley. **Meio ambiente e gênero**. São Paulo: SENAC São Paulo, 2012.
- GIBSON-GRAHAM, J.K. **The End of Capitalism (As We Knew It): A feminist critique of political economy**. Oxford: Black-well Publishers, 1996.
- LATOUR, Bruno. **Jamais fomos modernos: ensaio de antropologia simétrica**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994. Acesso em: 25 maio. 2017.
- REVISTA AMBIENTE & SOCIEDADE. Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ambiente e Sociedade (ANPPAS). v.18, n.1, jan./mar (2015). São Paulo, 2015.
- REVISTA ESTUDOS FEMINISTAS. CFH/CCE - Universidade Federal de Santa Catarina. v.18, n.3, set. - dez. (2010). Florianópolis, 2010.
- STENGERS, Isabelle. **Invention Of Modern Science**. First edition edition ed. Minneapolis: Univ Of Minnesota Press, 2000.